

(transcrição)

Milão (Círculo da Imprensa), 10 de março de 1995

O que é a Economia de Comunhão

resposta de Chiara Lubich numa coletiva de imprensa em Milão

[...]

Jornalista: Sou Antônio Missieri, do jornal "O Sol, 24 horas".

Li neste dépliant: "economia de comunhão". São duas palavras que na sociedade não estão estritamente ligadas: economia e comunhão.

No que consiste este projeto? Como pode ser aplicado nos países de economia avançada (Vejo que foi aplicado no Brasil, por exemplo.)? E qual foi o elemento de fusão destes dois aspectos? Não creio que a solidariedade seja suficiente...

Chiara: Não, não é suficiente.

Para compreender o projeto da "economia de comunhão" é preciso partir do conceito que o Movimento tem do dinheiro, da pobreza e da riqueza. Nós, sempre, desde o princípio, procuramos imitar a primitiva comunidade cristã, onde tudo era de todos e não havia ninguém necessitado. E tentamos realizá-lo pelo menos entre nós para servirmos, ao menos, de exemplo.

Atualmente, este ideal de colocar tudo em comum é realizado por cerca de cinco ou seis mil pessoas, que são aquelas que vivem nos focolares: vivem em comunidades e colocam em comum todo o ordenado, que depois é distribuído a cada um segundo as necessidades.

Mas depois há muitos outros no Movimento - entre os quais, há sobretudo os 100.000 membros internos - que não podem dar tudo, porque têm família ou vivem sozinhos e devem manter-se, mas dão o supérfluo, efetiva e concretamente. E sempre o fizeram desde o princípio do Movimento.

Enquanto todas as outras pessoas, que são dois milhões, vão sendo formadas e educadas à cultura da partilha, precisamente neste tempo de consumismo. Dado que o Evangelho diz: "Dai e vos será dado, uma boa medida, cheia, calcada, transbordante será lançada no vosso regaço" (Lc 6, 38), para nós é uma norma dar!

É por isso que, desde pequeninos, educamos as crianças a dar. Dão os brinquedos; dão o que têm: o sorvete, as moedinhas... Dão tudo, geralmente.

Assim também estes dois milhões de pessoas, pouco a pouco vão sendo educadas a dar, espontaneamente.

Uma vez, isto é, três ou quatro anos atrás, estive no Brasil. Ali os aderentes do nosso Movimento eram cerca de duzentos mil, mas vi que entre eles ainda havia pobres que nós não conseguíamos ajudar, apesar da comunhão de bens completa, do supérfluo e da cultura da partilha. Então surgiu, sobretudo entre os jovens, uma ideia: fundar empresas ou orientar empresas já existentes para um fim, isto é: que os lucros destas empresas (em fundação ou daquelas que se querem passar a agir assim, porque já são dirigidas por membros do Movimento) sejam divididos em três partes, mais ou menos: uma parte seria para poder desenvolver a empresa; outra, para formar os "homens novos", porque sem "homens novos", educados ao Evangelho, não se conclui nada neste campo. É preciso gente que saiba amar, que saiba doar. Porém, para formar "homens novos", são necessárias estruturas novas, como são as cidadezinhas que mencionei, ou como os nossos centros, feitos com o objetivo de formar as pessoas.

Então, um terço serve à empresa, para se desenvolver; um terço destina-se a estas estruturas para que possam formar bem os "homens novos", segundo este conceito novo de considerar os bens; e um

terço é destinado aos pobres, que ainda não encontraram um emprego, não conseguem sustentar-se, na América Latina, onde nem sequer têm casa, nem roupa, nem comida.

Foi lançada esta ideia e deu bons resultados, pois atualmente são 400 ou 500 as empresas, pequenas ou grandes, que agem nesta linha. E mandam os lucros. É maravilhoso ver chegar todo este dinheiro!, quando sabemos que, nos tempos que correm, todos querem ter o seu pé-de-meia. Assim, podemos distribuí-lo entre todos.

Este ano conseguimos cobrir, pelo menos por um período, as necessidades maiores dos nossos. Mas ainda temos esperança, porque as coisas se desenvolvem muito.

Recebo quase todos os dias notícias de outras empresas que se orientam neste sentido, porque... talvez seja um desejo de algo novo, realmente.

[...]